

MULHERES PRODUTORAS DE CONTEÚDO DA
RÁDIO COMUNITÁRIA ALTERNATIVA FM:
a prática comunicacional na região Rondônia-Central
do Programa *Territórios da Cidadania*

Evelyn Iris Leite Morales Conde
Universidade Federal de Rondônia – UNIR



2014

Índice

Introdução	2
1 As mulheres, diferenças entre sexos e participação social	3
2 Rádio no <i>Territórios da Cidadania</i> da Rondônia Central: novos olhares	5
3 Perfil descritivo da Rádio Comunitária Alternativa FM, Ji-Paraná, Rondônia	6
4 As mulheres na Rádio Alternativa FM	9
Considerações acerca das pesquisas iniciais	11
Bibliografia	12

Resumo

Este artigo relata a continuidade do projeto *Representação de mulheres na mídia sonora radiofônica no espaço do Programa Federal Territórios da Cidadania Central/Ji-Paraná, Rondônia, na Amazônia Sul Ocidental Brasileira*¹ que, além de abordar na primeira fase o perfil da rádio comunitária Alternativa FM, se vale da função dos relatos das mulheres enquanto produtoras de conteúdo na emissora em questão, neste segundo momento. O escopo metodológico no presente texto se apoia em soma à pesquisa bibliográfica sobre gêneros, no sentido de feminismos; produção em rádio comunitária, além da pesquisa exploratória de conteúdo

¹Projeto vinculado ao projeto de pesquisa *Geografias da Comunicação, Discurso e Estudos de Gênero: a representação midiática e as imagens de si de mulheres no Território de Cidadania Central/Ji-Paraná, Estado de Rondônia, localizado na Amazônia Sul-Ocidental Brasileira*, coordenado pela profa. Dra. Lilian Reichert Coelho, financiado pelo CNPq.

do veículo em questão e a descrição dos resultados da aplicação² de questionários abertos sobre a produção comunicacional ‘delas’ na emissora. O estudo possui uma terceira fase – de análise baseada na abordagem qualitativa – quanto à produção comunicacional como foco na teoria de rotinas de produção jornalística *Newsmaking*, não detalhada neste trabalho, mas planejada à continuidade da pesquisa.

Palavras-chave: Gêneros, Ji-Paraná, Rádio Comunitária.

Introdução

EM face à denominação do que seria uma rádio comunitária, este trabalho destaca algumas definições acerca de radiodifusão comunitária como emissoras públicas de controle das comunidades que atuam; sendo então, um termo que vem sendo discutido desde a década de 1990 por associações e órgãos relacionados à gestão de rádios comunitárias, como a Abraço, originada do Coletivo Nacional de Rádios Livres, e em constante debate com a sociedade, como nos eventos do Fórum Democracia na Comunicação (FNDC).

A Abraço estima que, só no decênio compreendido entre 1996 e 2006, forma registradas mais de 30 mil rádios de baixa potência em operação no Brasil, sendo destas, apenas 2.745 autorizadas a funcionar, 10 mil emissoras fechadas, 20 mil processos tramitando na justiça e mais de cinco mil brasilei-

²Colaboração de pesquisa de campo e análise inicial: Sandra Carolina Belli, graduanda em Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia, e-mail: sanbelli@gmail.com; jornalista Diogo Nolasco da Rocha, e-mail: diogonolakse@gmail.com.

ros condenados. Quanto à justificativa da irregularidade, “praticavam desobediência civil, em razão da morosidade na emissão de autorizações, da burocratização do processo de concessões e do favorecimento político de uns escolhidos, em prejuízo de outros” (Ghedini, 2009, p. 63).

Pela legislação brasileira, o serviço de radiodifusão comunitária está amparado pela Lei nº 9.612, de fevereiro de 1998, instituindo tal ação com alguns requisitos relacionados à operação total do serviço por associações comunitárias e fundações sem vínculo com partidos e políticos, igrejas, estabelecimentos comerciais ou outras instituições. O próprio artigo 8º caracteriza a obrigatoriedade de um Conselho Comunitário com a participação de, no mínimo, cinco pessoas representantes da comunidade local. Quanto à exigência de exclusividade transmissão de conteúdos, o artigo 4º ressalta a preferência às finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas em benefício do desenvolvimento da comunidade (Ministério das Comunicações, 2011).

Ainda sobre sua disposição técnica, as rádios comunitárias devem operar em baixa frequência, compreendida em limitação “a um máximo de 25 watts *erp* e altura do sistema irradiante não superior a trinta metros [...] e cobertura restrita aquela destinada ao atendimento de determinada comunidade de um bairro e/ou vila” (Brasil, 1998). Frequência regulada pela Agência Nacional de Telecomunicações – Anatel – que identifica em seu primeiro artigo os aspectos de disciplina e a fiscalização da execução, comercialização e uso dos serviços e da implantação e funcionamento de redes de telecomunicações, bem como da utilização dos recur-

sos de órbita e espectro de radiofrequências (Brasil, 1997).

No contexto social, dentro da perspectiva de lançar à comunidade uma alternativa de comunicação, ou melhor, fazê-la participar desta ação, este estudo leva ainda em consideração os acertos de Felipe Pena no tocante ao jornalismo comunitário, mas não só pelo caráter jornalístico, e sim, pela própria oportunidade de se fazer e obter informação, mesmo que intuitivamente, “atendendo às demandas da cidadania e como instrumento de mobilização social” (2005, p. 185). Sendo assim, num recorte abrangente da comunicação, as rádios comunitárias também suprem, grosso modo, a carência de informação em uma determinada comunidade, como observado no interior de Rondônia.

Quanto à utilização deste veículo como manifestação popular, cita-se Cecília Peruzzo, ao definir que a veia popular na comunicação é o caminho por onde passam as alternativas para a própria comunidade. “A primeira corrente ao qual podemos chamar de popular é a alternativa e comunitária, e é constituída por iniciativas populares” (2009, s/p). É o que se observa na comunidade, como viabilização comunicacional para manifestação de sua própria opinião, com produções autorais localizadas e diretas aos seus pares.

1 As mulheres, diferenças entre sexos e participação social

Mesmo com (in)definições inerentes ao “campo”, assumiu-se como entraves o tratamento de “mulheres” como categoria universal – pois, caracterizando-a como identidade isolada, percebeu-se a desconsideração

das múltiplas possibilidades subjetivas contextuais – e também as relações com outras formas de vivenciar a subjetividade, como se verifica na contemporaneidade, com o “aparecimento” dos chamados novos sujeitos no âmbito das Ciências Sociais. Na concepção de Scott, mulher, como grupo ou categoria, não teria estofo suficiente para alcançar o *status* de objeto científico, podendo ser pesquisado somente pelo instrumento analítico, gênero, este sim de múltiplas e complexas significações. Por gênero, concebe-se a “(...) condição cultural que nos identifica como homens ou mulheres (cf. Louro, 1998).” Em que pese a força aparentemente restritiva do termo “cultural”, ele serve para indicar que existem relações entre os gêneros que não devem ser compreendidas como naturais, mas como originárias de engendramentos arbitrários, instituídos violentamente na dinâmica social espacializada.

Nesse sentido, Scott (1998, p. 141) propôs que gênero devesse ser entendido como: 1. “elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e 2. uma forma primeira de representar as relações de poder”. Esta definição foi desmembrada por Brito (2005, p. 23) da seguinte maneira: constituiriam a primeira proposição as representações simbólicas culturalmente disponíveis; os conceitos normativos presentes nas diversas áreas da sociedade; a identidade subjetiva; a presença do político, do econômico, do educacional, do parentesco no processo de construção do gênero. A segunda proposição referir-se-ia à ideia do gênero visto como “(...) campo básico onde o poder é articulado, através do controle ou acesso diferenciado aos recursos materiais e simbólicos”.

Do exposto, depreende-se que, na visão

de Scott, as diferenças entre os sexos constituem aspecto primário da organização social, sendo fundamentalmente culturais, portanto, normativas, o que tem reverberações nas trocas simbólicas cotidianas e nas construções discursivas no interior de práticas sociais específicas. A despeito e a partir da salutar multiplicidade de pontos de vista localizáveis no interior dos Estudos sobre Gêneros e Feminismos, Kofes (2009, p. 28-29) pontua que, do ponto de vista teórico, ao se optar pela noção de gênero, alarga-se o campo categórico e de sentidos, o que contribui para o enfrentamento das disputas internas ao campo científico e para mudanças sociais e discursivas efetivas. Assim, ao se conceber gênero como categoria analítica, portanto operacional, deve-se concentrar o olhar não apenas nas subjetividades sob foco, mas nos modos de imbricamento das relações entre diferentes formas de subjetividade. Logo, no caso em tela, é fundamental observar como “as diferenças construídas socialmente resultam em critérios de distribuição de poder, portanto, em como se constroem as relações de subordinação” (cf. Mariano, 2008) em determinado contexto.

Assim, seguindo as orientações da teoria contemporânea, pretende-se aqui, por meio de análise pontual da representação simbólica das mulheres na mídia local/regional, localizar elementos que contribuam para a percepção do processo social da construção e da manutenção dos lugares de gênero.

Porquanto ao posicionamento de mulheres neste contexto de divisão de tarefas e funções, vale notar que, por diferenciação, Woodhead (2002) entende os processos pelos quais as atividades sociais tornam-se distintas e distinguíveis em diferentes instituições, instaurando funções diferenciadas a certos

agentes. Por isso, a mesma autora sublinha a necessidade de compreensão dos espaços sociais disponíveis às mulheres na sociedade. Acrescente-se a isso a necessidade de se observar como as forças sociais práticas e discursivas se impõem no sentido de manter a estrutura diferencial em curso, de que recursos se valem e também como se articulam as forças contra-hegemônicas pois, como provoca Butler (1998, p. 22-23), deve sempre figurar na base de qualquer pesquisa dessa natureza a questão: “Como uma posição se torna uma posição?”. Isto significa que os próprios fundamentos (sociais e teóricos) devem ser rigorosa e vigilantemente questionados, e o discurso deve ser visto como lugar privilegiado de “disputa política permanente”.

2 Rádio no Territórios da Cidadania da Rondônia Central: novos olhares

A *Representação midiática de mulheres na mídia sonora radiofônica no Programa Federal Territórios da Cidadania Central/Ji-Paraná* está inserido no contexto do programa Territórios da Cidadania www.territorios..., para se observar a possibilidade de falas que se voltem à construção da cidadania também por parte da comunicação.

O contexto multidisciplinar desta, orientada para análise e intervenção em realidade social abrangida pelo mencionado programa governamental, proposto e aplicado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), realiza a análise sobre a representação das/pelas mulheres que habitam a região do estado de Rondônia onde atua o Pro-

grama, com seu caminho na transversalidade teórico-epistemológica, abrangendo áreas de estudos emergentes como a Geografia da Comunicação em interseção com os Estudos de Gênero.

Desta forma, valorizam-se itens do II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, Cultura, Comunicação e Mídia Igualitárias, Democráticas e Não-Discriminatórias, no que diz respeito: I. Incentivar comportamentos e atitudes que não reproduzam conteúdos discriminatórios e que valorizem as mulheres em toda a sua diversidade, nos veículos de comunicação; II. Valorizar as iniciativas e a produção cultural das mulheres e sobre as mulheres; III. Contribuir para ampliar a presença das mulheres nos diferentes espaços de poder e decisão na mídia nacional; IV. Destarte, para contribuir para ampliação do controle social sobre a veiculação de conteúdos discriminatórios na mídia em geral (2008, p. 27).

O interessante da observância da dinâmica e postura de mulheres que participam ou até mesmo assumem o papel de produtoras de conteúdo radiofônico comunitário para/nesta região é a intervenção em assuntos propriamente “familiares”, com direcionamento estanques quanto à saúde, romantismo, assistência social e beleza.

A mídia sonora comunitária que está localizada na região central no município de Ji-Paraná, espaço geográfico definido pela pesquisa macro sobre gêneros, como mencionado anteriormente, demonstra a observação empírica que a Rádio Comunitária Alternativa FM, situada no bairro Nova Brasília, www.alternativa..., tem 14 anos de existência, tendo, a certa medida, eventual preocupação de transmissão de conteúdo vol-

tado à comunidade local, com seu próprio *site* aborda.

Na versão preliminar da pesquisa exploratória, a emissora surpreende pela organização da grade de programação exposta na página virtual, com a indicação de participação de seis mulheres inseridas no contexto de produção e/ou auxílio e/ou gestão. Sendo que a seguir, neste relato, destaca a forma como estas estão agindo comunicacionalmente em tal emissora.

Como mencionado há pouco, a indicação dos programas comandados por mulheres é voltada a conteúdos relacionados à saúde, música e informação popular, dicas de beleza e bem estar, especiais semanais dedicados aos artistas Roberto Carlos e Amado Batista, e programa de música *pop*. A partir deste levantamento superficial da grade de programação e do contato inicial com a emissora, se dará o aprofundamento quanto a este veículo e seu funcionamento com auxílio de mulheres, que contribuam ou façam parte do contexto de construção e disseminação da informação na região em que está inserida.

A justificativa de escolha da mídia sonora é baseada na relevância de sua inserção de massa na sociedade, a partir de meados do Século XX, em que reunindo características importantes no contexto de comunicação a longas distâncias, para todo o tipo de público, de entretenimento e informação, e até mesmo como companheiro eletrônico, como destaca Mcleish (2001), indica que a transmissão em veículo radiofônico é mais que ondas irradiadas entre meros aparelhos emissores e receptores; é uma forma de chamar atenção, unir e gerar informação de todos os segmentos – entretenimento, cultural, educativo, noticioso ou musical.

Ao observar e elevar o papel deste veículo de comunicação valorizar-se ainda o pressuposto dinâmico do rádio no tocante ao conteúdo transmitido a um público geral ou específico e a forma como esta informação é repassada. Por esta razão, este trabalho terá aprofundamentos, a posteriori, quanto ao funcionamento da programação com auxílio de mulheres, que contribuam ou façam parte do contexto de construção e disseminação da informação em tal comunidade, que esteja localizada na faixa da região Central do programa *Territórios da Cidadania*.

É relevante destacar que este estudo se vale também quanto à importância da mulher no contexto de contribuição de seu papel na sociedade, em uma posição que se assume enquanto produtora de conteúdos expostos à sociedade, uma vez que, em épocas não distantes, não haveria de encaixar seu perfil em programações midiáticas de qualquer nível. Sobretudo ao que inventaria e problematiza a emergência da História das Mulheres como campo de estudo da Historiografia, bem como as disputas que envolveram a consolidação da produção feminista no universo científico, destacando-se assim, com cuidado e apreço, os estudos, a exemplo de Scott (1992), quanto à instituição de uma categoria fundamental de “mulheres” (nos anos 1960), suplantada posteriormente pela noção de “gênero” (nos anos 1980), estudada pelo viés da diferença (tanto física quanto derivada de conotações sociais). Por conta disso, destaca-se a importância de tal estudo e ainda a relevância das mulheres em um espaço midiático interiorano, ainda, predominantemente masculino.

3 Perfil descritivo da Rádio Comunitária Alternativa FM, Ji-Paraná, Rondônia

Como o foco da observação se dá na rotina de produção da Rádio Comunitária Alternativa 104,9 FM, situada no bairro Nova Brasília, no município de Ji-Paraná, relata-se aqui o início das pesquisas sobre o objeto em questão.

A emissora em tela tem 14 anos de existência e transmite conteúdo voltado à faixa do cidadão. Como a própria comunidade associada às rádios comunitárias ratifica:

[...]a Alternativa FM tem feito heroicamente um papel fundamental em Ji-Paraná. Existe um banco de emprego, onde cerca de 100 pessoas por mês fornecem serviços de utilidade pública à população. É feito também um forte trabalho para pessoas e animais desaparecidos, anúncios de eventos sociais e culturais, além de uma cobrança constante que a emissora faz ao poder público para resolver os problemas da região (Agência Abraço, 2011).

Sendo então, uma rádio com características e funções comunitárias, amparada por documentos legais para transmissão de conteúdos exclusivos ao cidadão jiparanaense. O relato do perfil da rádio comunitária Alternativa está configurado nas informações inseridas no *site* da emissora www.alternativa..., bem como no resultado inicial da técnica de entrevista aberta realizada com o presidente da associação que a dirige, Ailton Santos, em visita realizada na rádio, em janeiro de 2012.

Quanto ao conteúdo virtual da emissora, a apresentação visual da página contém informações jornalísticas rotativas, com fotos e manchetes. Na disposição inferior há também a indicação dos parceiros da rádio, com a inserção de logomarcas que ao serem clicadas remetem aos *links* destes.

O conteúdo da programação é disponibilizado simultaneamente pela frequência 104,9 e via *internet*, com barra sonora de transmissão e ainda possibilidade do ouvinte pedir músicas através do ícone *Peça a sua música*. A página possui ainda *ranking* das músicas mais tocadas nomeado como *Top 10*, e ainda *link* de informações de *utilidade pública*, além de indicações de vídeos e chamadas do conteúdo das páginas internas do próprio *site*.

No *menu* estão detalhados conteúdos relativos à programação até a interação com o ouvinte, sendo, em descrição simples:

- *Página inicial*, que remete ao endereço da *capa* do *site* ao navegar nos demais *links* dispostos;
- *A rádio*, com saudação e breve descrição da função da emissora, com o seguinte enunciado:

Seja bem, vindo a Radio Alternativa FM uma emissora de prestação de serviço a comunidade de Ji-Paraná em Rondônia estamos a 14 anos no ar. Uma rádio de grande credibilidade, sem fins políticos, com uma ótima equipe, produções de altíssima qualidade, e com grande audiência. esta e a sua Alternativa Fm totalmente Diferente (Alternativa FM, 2012) (*sic*).

- *Programação*, com o conteúdo de horários, locutores e nomes dos programas transmitidos diários e semanalmente, a depender do periódico.
- *Galeria de fotos*, dispondo álbuns de eventos ou programações com visitas musicais;
- *Equipe*, demonstrando a fotos de integrantes e produtores dos programas, bem como informações de *e-mail* e qual produção faz parte;
- *Notícias*, com inserções de notícias locais, regionais e nacionais factuais, com indicação da fonte de informação, pois as produções não são da emissora e sim, postagens de outros *sites* e agência de notícias;
- *Mural de recados*, espaço reservado para ouvintes deixarem recados. Há um dispositivo próprio com o espaço para o remetente, destinatário e o corpo da mensagem;
- *Papeis de parede*, com peças de campanhas e ações desenvolvidas pela emissora na cidade de Ji-Paraná;
- *Vídeos*, são postagens aleatórias, sem temática fixa, que vão desde adorações religiosas, discursos políticos da TV Câmara, produções caseiras a clipes musicais sertanejos capturados do *youtube*;
- *Galeria do ouvinte*, dispõe de fotos e contatos dos ouvintes da rádio, como uma espécie de mural da amizade;
- *Alternativa news*, refere-se ao mesmo conteúdo do *link Notícias*;
- *Na mídia*, possui conteúdo exclusivamente regional, com acontecimentos referentes à Rondônia, Ji-Paraná e região;
- *Utilidade pública*, com uma sessão de oferta de empregos, documentos perdidos, compras-vendas-alugueis, desaparecimento de pessoas e comunicados sociais,
- *Aconteceu*, com informações jornalísticas de fatos referentes a Rondônia, Ji-Paraná e região em destaque na semana ou dias anteriores;
- *Fale conosco*, com um formulário digital para contato do ouvinte com a equipe da rádio;
- *Bate papo*, é uma espécie de sala de conversa entre os ouvintes *logados* na página da rádio, com opção de *carinhas* para identificar sentimentos do enunciante ao seu remetente virtual.

É através deste *menu* do *site* que se configurou o primeiro contato e identificação de produções na grade de programação, com o nome de mulheres participantes da emissora. Partiu-se para a localização destas produtoras-locutoras com o objetivo de aprofundar a compreensão de suas rotinas de produção. Relatos não pertencentes a este artigo e, analisados e compilados para apresentação formal futura.

No relato deste trabalho, os dados iniciais dão conta de que a grade de programação semanal contém seis produções com participação de seis mulheres. Na disposição dos programas, três são parcerias entre homens e mulheres e os outros três são exclusivamente produzidos e apresentados por ‘elas’.

No contexto geral de programas da emissora, são cerca de 30 programas diferenciados, entre veiculações diárias e/ou semanais, em sua maioria, com produção geral e locução de homens.

No detalhamento da grade de programação semanal estão *Hits*, com uma hora de duração, apresentado aos domingos por Kelly Marques e Márcio Marques; *De bem com a vida*, produzido e apresentado por uma psicóloga e uma assistente social, respectivamente, Graziela e Juliana, com uma hora de programa nas tardes das quintas-feiras; *Roberto Carlos em Detalhes*, com duas horas de duração e apresentação nas noites de sábado, por Elizeti; *Galera do Rádio*, com Silvestre Silva, Brunão, GG, Paulo César, Edina, Tiozão, Dr. Alexandre, sempre aos domingos, com duas horas de programa; *Amado Batista Especial*, também com apresentação aos sábados, por duas horas no horário matutino e apresentação de Cirlene Ramos; e *Sertanejo Bom Demais*, com uma hora de programa apresentado aos sábados por Piery, Pininha e Edina.

Para o posterior aprofundamento das rotinas de produção dos programas descritos, mesmo não apresentando características jornalísticas em sua generalidade, serão utilizados documentos, depoimentos, com o suporte da teoria do *newsmaking*, no tocante ao interesse da organização, no caso a Rádio Alternativa, e ainda, os programas propriamente ditos previamente analisados.

Nessas rotinas de produção, destaca-se o que Mauro Wolf (1994, p.187) apresenta sobre as organizações e a estrutura dos meios de comunicação: “As exigências organizativas e estruturais e as características técnico-expressivas próprias de cada meio de comunicação de massa, como elementos funda-

mentais para a determinação da reprodução da realidade social fornecida pelos *mass media*”. Sendo assim, implicitamente delineado que, sem um formato organizacional interno, os meios ficam volúveis aos acontecimentos e formato de apresentação.

Qualquer órgão de informação tem objetivo declarado de fornecer relatos dos acontecimentos significativos e interessantes ao seu público, conforme declara Tuchman *apud* Wolf (1994) que também cita, como meio de informação sendo uma organização complexa, não podendo trabalhar com fenômenos sobre a maneira que vê, ou uma forma própria como que cada pessoa tenha. O mesmo ainda descrito quanto à produção e transmissão de informação com base em exigências como o “tornar possível o reconhecimento de um fato desconhecido (inclusive os que são excepcionais) como acontecimento notável; elaboração de formas de relatar os acontecimentos; e organização temporal e espacialmente o trabalho” (Tuchman, 1977 *apud* Wolf 1994, p. 189).

Para que se conheça tais estratégias de comunicação na Rádio Alternativa, especificamente em programação autoral de mulheres, pondera-se ainda o que a grade de programação contribui em aspectos de desenvolvimento de programação que não seja apenas ocupadas e produzidas por mulheres, mas que faça sentido a própria representação desta no veículo midiático sonoro.

4 As mulheres na Rádio Alternativa FM

As observações descritas a seguir, são de três produtoras e locutoras da rádio comunitária Alternativa FM, a saber: Cirlene Ramos, Eli-

zeti Nunes e Juliana dos Santos. Ambas realizam trabalhos comunicacionais na emissora, porém, possuem perfis muito distintos na forma do trabalho e em seu cotidiano particular.

O interessante desta análise inicial de perfis e comentários é a mistura cultural e de objetivos temáticos entre estas mulheres, demonstrando assim, as diferentes facetas do gênero, no tocando às “mulheres”; o que, de fato, não pode ser generalizado em nenhuma circunstância.

As três locutoras apresentam nível de escolaridades muito diferentes. A primeira, Cirlene Ramos só cursou até a 4ª série do primeiro grau; a segunda, Elizete Nunes possui o ensino médio e a última Juliana dos Santos tem nível superior. Pode-se, discretamente, perceber o perfil social de cada uma delas por estas informações associadas às respostas seguintes como a moradia ou o motivo de querer trabalhar na rádio comunitária Alternativa FM.

4.1 Cirlene Ramos – locutora do programa *Amado Batista Especial*

Cirlene é uma mãe de família com 34 anos de idade, provavelmente uma pessoa que veio do Sul do país em busca de melhoria na qualidade de vida. Envolvida no trabalho no campo, mas com um sonho desde jovem de trabalhar como locutora. Apesar de ser sitiante não desistiu da ideia e atua na Alternativa FM, que tem como condição de permanência no ar, receber a doação dos patrocinadores da rádio.

Há dez anos fazendo participações em rádios, há um ano e meio trabalha como lo-

cutora, durante duas horas por semana, em um programa musical voltado ao público que aprecia Amado Batista. De início, ela sentiu-se preocupada com algum tipo de rejeição, mas que com passar dos tempos percebeu boa recepção pela comunidade demonstrando o retorno por meio das mensagens de texto pela internet, via SMS e ligações durante o programa (cerca de 60 a 70), sendo estas participações cerca de 80% formada pelo público feminino.

A forma da construção do programa é totalmente criada pelo público. Ela não programa nada que será colocado ao ar – tudo depende do que o público decidir. Não há produção de notícias estruturadas em moldes jornalísticos, mas sim de participações de ouvintes que se dispõem a noticiar algo que está acontecendo no momento.

O cunho de utilidade pública designado é o de anunciar as oportunidades de empregos aos ouvintes. Para Cirlene, o locutor é uma espécie de psicólogo que leva mensagens de humildade, compreensão, força e carinho.

4.2 Elizete Nunes – locutora do programa *Roberto Carlos em Detalhes*

Assim como Cirlene, Elizete é uma mãe de família que migrou de Minas Gerais para Rondônia. Por meio de um “cursinho” para novatos se interessou em atuar na área que já gostava. Há seis anos já havia trabalhado em rádio, mas parou por um tempo e agora há 1 ano e três meses trabalha na Alternativa FM como sonoplasta e locutora apresentando o programa musical sobre Roberto Carlos.

Elizete percebeu dificuldades de aceitação no início da atuação da rádio Alternativa FM,

pelo fato de não ser tão conhecida, principalmente para conseguir patrocinadores; além de enfrentar certa resistência feminina, afirmando que as próprias mulheres não confiavam uma na outra.

A forma de produção de textos é auxiliada pela internet e trata de assuntos como dicas de saúde, sem a presença da produção de notícias jornalísticas. A seleção de músicas é feita a pedido dos ouvintes, mas caso não tenham sido feitos pedidos, Elizete escolhe o que ela acredita ser a preferência do público ouvinte dela.

4.3 Juliana dos Santos – produtora e locutora do programa *De Bem com a Vida*

É a apresentadora mais jovem de todas, solteira e não tem filhos. A utilidade da rádio Alternativa FM por ela é uma forma de extensão da profissão dela, que é a assistência social e por tratar-se de uma rádio comunitária não possui interesse financeiro. A programação é informativa e não voltada para os noticiários jornalísticos. Ela acredita que o rádio atinge de forma diversificada o público, já que pode estar em casa, no trânsito, no campo; mas se preocupa com a questão das rádios piratas e acha que isso pode interferir reduzindo o público das rádios comunitárias. Juliana também disse não enfrentar dificuldades em trabalhar na rádio Alternativa FM em relação a preconceitos por ser mulher.

Considerações acerca das pesquisas iniciais

Em um contexto de desenvolvimento da pesquisa, e no tocante à participação das mulheres, as três locutoras/apresentadoras têm peculiaridades interessante em nível educacional, o que, de certa forma, já poderia influenciar nas escolhas das temáticas ou até mesmo na forma de conduzir o programa. O meio mais utilizado pelas três de obter o *feed back* é a quantidade de ligações para o telefone da rádio, o que reforça o caráter de preocupação quanto aos que as ouve.

Outra semelhança é que para ‘atrair’ o público ouvinte é utilizada uma mesma estratégia, que é sorteio de brindes para a população, recorrente em ligações telefônicas aos programas. Ao que as respostas dos questionários aplicados indicam, a maior parte do público é formado por mulheres.

Quanto à questão da produção de notícias Cirlene e Elizete não fazem um roteiro do programa que vão produzir, deixam que isso ocorra pela participação dos ouvintes. Já Juliana organiza uma temática voltada a cada programa e em função disso faz também uma seleção musical com o que tenha a ver com o assunto abordado.

Apesar da pesquisa atentar ao universo destas mulheres, observa-se no decorrer da fase exploratória, a pouca expressão ‘delas’ na programação da rádio comunitária Alternativa 104,9 FM em Ji-Paraná. Realidade diferente de dois anos anteriores (2010 e 2011), que demonstrava maior número de programa com mulheres no comando e até mesmo em parcerias com locutores homens. Impressões apresentadas em entrevistas realizadas com dirigentes da emissora, porém, ainda não publicada, para fins de checagem,

e posterior divulgação em trabalhos mais aprofundados do projeto-mor e do específico de mídia sonora no espaço do programa *Territórios da Cidadania*.

O que se percebeu neste primeiro levantamento foi a atuação tímida e, às vezes, subjulgadas das mulheres, principalmente em programas com a participação de homens no comando, como o caso das edições do *Galeria do Rádio* e *Sertanejo Bom Demais*, pois demonstram que as mulheres presentes nestes produtos estão como auxiliaadoras e não detêm o protagonismo na locução e direcionamento da programação.

Com relação à postura ‘delas’ nos programas, também foi observado inicialmente a vocalização ora agressiva/forte, ora confortante, remetendo suas caracterizações específicas de cada programa, respectivamente, por exemplo, como no *Sertanejo Bom Demais*, em alguns enunciados percebidos na postura da Edina em relação ao colegas locutores homens Piery e Pininha; e no *De Bem com a Vida*, com as profissionais psicóloga e assistente social, Graziela e Juliana.

Sendo ainda um levantamento primário do que se pretende analisar na grade de programação da Alternativa FM, especialmente nos programas que com produção de mulheres, é importante destacar a tentativa contínua de expressar a voz da mulher nas produções comunitárias; e sua peculiaridade ao se relacionar com os homens em programas mistos.

O estudo é recente e, por enquanto, não apresenta dados com debates teóricos expressivos, mas pelo vislumbre das produções acompanhadas, são previstas análises interessantes quanto ao escopo pretendido e com nuances significativos no tocante à produção das mulheres na rádio em questão. Espera-se que com a continuação das pesquisas possa

ser possível demonstrar com mais clareza e rigidez, os aspectos detalhados e relevantes quanto à produção dos programas e a postura das mulheres frente a este veículo de comunicação comunitário na cidade de Ji-Paraná.

Bibliografia

- Agência Abraço. *Rádio Comunitária Alternativa é roubada em Ji-Paraná-RO*. Disponível em: www.agencia... Acesso em: 04 nov. 2011.
- Alternativa FM. Página da emissora na *internet*. Disponível em: www.alternativa... Acesso em 10 jan. 2012.
- Anatel. Ondas de rádio. Disponível em: www.anatel... Acesso em: 20 nov. 2011.
- Brasil. Lei 9.472/97 que dispõe sobre regulação da Anatel. Disponível em: www.planalto... Acesso em 11 agos. 2011.
- Brasil. Lei 9.612/98 que dispõe sobre a instituição do serviço de radiodifusão comunitária. Disponível em: www.planalto... Acesso em 20 jul. 2011.
- Brito, M.N.C. *O gênero, a história das mulheres e a memória: um referencial de análise*. Disponível em: www.lacult... Acesso em: 15 fev. 2011.
- Butler, J. (1998). *Fundamentos Contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”*. Cadernos PAGU, n. 11, p. 11-42.

- Ghedini, F. (2009). *Nas ondas sonoras da comunidade: a luta pelas rádios comunitárias no país*. São Paulo: Global – Ação Educativa. (Coleção Conexão Juventude).
- Kofes, S. *Categorias analítica e empírica: gênero e mulher: disjunções, conjunções e mediações*. Disponível em: www.ieg.org. Acesso em 25 de janeiro de 2011.
- Mariano, S.A. (2008). *Modernidade e crítica da modernidade: a sociologia e alguns desafios feministas às categorias de análise*. Em: Cadernos Pagu, n. 30, jan/jul, p. 345-372.
- Ministério das Comunicações. *Norma Complementar do Serviço de Radiodifusão Comunitária*. Disponível em: www.mc.gov.br. Acesso em: 10 out. 2011.
- Moraes, M.L.Q. de. (1998). *Usos e Limites da categoria Gênero*. Em: Cadernos Pagu, n. 11, p. 99-105.
- Pena, F. (2005). *Teoria do jornalismo*. São Paulo: Contexto.
- Peruzzo, C.M.K. *Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária no Brasil*. Disponível em: www.cicilia.org. Acesso em: 10 maio 2009.
- Schwarzman, S. (1995). *Entrevista com Michelle Perrot*. Cadernos PAGU, n. 4, p. 29-36
- Scott, J. (1992). *História das Mulheres*. Em: Burke, P. (org.). Trad. Magda Lopes. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP.
- Sistema de Informações Territoriais. *Territórios rurais: abrangência Rondônia*. Disponível em: <http://sit.terra.gov.br>. Acesso em 10 mar. 2011.
- Territórios da Cidadania. *Central Rondônia – Ji-Paraná*. Disponível em: www.territorios.org. Acesso em 10 mar. 2010.
- Traquina, N. (2005). *Teoria do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. 2 ed. Florianópolis: Insular. Tratado de sociologia empírica. Madri: Tecnos, 1973. v. 1, p. 166-229.
- Wolf, M. (1994). *Teorias da Comunicação – mass media; contextos e paradigmas; Novas tendências; Efeitos a longo prazo; O newsmaking*. Lisboa; Editora Presença.
- Woodhead, L. (2002). *Mulheres e Gênero: uma estrutura teórica*. Trad. de Déborah Pereira. Em: Revista Estudos da Religião, n. 1, p. 1-11.